

## Da antiga à nova Filologia: práticas de edição de textos modernos

### Secção 13: Filologia Textual e editorial

Ana Paula Banza

A filologia textual tem como objeto material de estudo o texto, disponibilizando-o tanto para o leitor comum como para o especialista. Através do trabalho de resgate da obra e da recuperação do texto, o filólogo contribui para a compreensão do período em que os textos foram lavrados e, por conseguinte, para desvendar alguns aspectos da história sócio-política, cultural, literária e linguística de uma sociedade. Assim, o dever do filólogo é, pois, o de preservar o património cultural de uma determinada sociedade e só faz sentido se for colocado à disposição dessa mesma e de outras comunidades.

A filologia textual é, desde sempre, a vertente básica da Filologia, uma das suas formas mais antigas, a mais clássica e, para muitos, a mais autêntica. Ao longo do tempo, estabeleceu-se uma oposição entre os textos da Antiguidade clássica e do período medieval e os textos do período moderno, com base nas diferenças fundamentais em relação aos problemas colocados por umas e por outras: no primeiro caso, a ausência de fontes originais e a escassez de informação, conduzem à tentativa de reconstituição do texto original, livre dos erros introduzidos pela transmissão; no segundo, o acesso a uma multiplicidade de fontes originais (impressos, manuscritos de autor, provas tipográficas, etc.) e o excesso de informação configuram um quadro em que o papel do editor será fundamentalmente a redução das variantes textuais e a fixação de uma versão autorizada.

Para obstar às dificuldades colocadas pelo excesso de informação a gerir na edição de textos modernos em versão papel, alguns autores propuseram, a partir dos anos 90, uma fórmula que permite incluir a multiplicidade de versões que um texto moderno pode comportar: as edições de hipertexto, e, por outro lado, ganhou adeptos a Crítica Genética, que traz à luz o processo de produção textual, antes ignorado.

Entretanto, como os avanços tecnológicos e científicos não cessam, os recursos editoriais tendem a ser cada vez mais eficientes. Área interdisciplinar em franca expansão desde a década de 80 do século XX, a constituição, ampliação e manutenção de *corpora* constituiu-se como uma disciplina especializada – a “Linguística de *Corpus*” – para cujo desenvolvimento cooperou a Linguística Computacional, tornando possível a edição electrónica, o tratamento automático de textos antigos e, ainda, o rastreio de dados destinados ao estudo de aspectos linguísticos desses mesmos textos.

No entanto, no que diz respeito à constituição de *corpora* textuais em suporte electrónico e mesmo à disponibilização de edições convencionais, em papel, é de assinalar que o português ainda está longe de possuir os recursos já existentes em línguas como o espanhol, o francês ou o inglês, embora nos últimos anos se tenham registado avanços significativos. De qualquer forma, os problemas levantados pelo tratamento e edição de textos são comuns à generalidade das línguas, românicas e não românicas, e parecem não se ter alterado substancialmente graças aos modernos recursos actualmente à disposição do filólogo, que continua a enfrentar os problemas de sempre, porventura acrescidos de outros, levantados pelo uso da tecnologia.

Na presente comunicação, tomando como ponto de partida a experiência de edição em diferentes suportes, papel e electrónico, de textos portugueses de diferentes épocas com original acessível, desde documentos notariais do séc. XIII até textos literários do séc. XVII e textos de natureza metalinguística dos sécs. XVI-XIX,

procurar-se-á fazer o levantamento dos principais problemas que se colocam ao filólogo no seu tratamento e edição em função da sua natureza, época e do tipo de edição, promovendo uma comparação, a este nível, entre a antiga e a nova Filologia.

### **Referências bibliográficas :**

- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (1998), *Ensaio de lingüística, filologia e ecdótica*, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Língua e Literatura / UERJ.
- BÉDIER, Joseph (1970), *La tradition manuscrite du Lai de l'Ombre. Réflexions sur l'art d'éditer les anciens texts*, Paris : Champion.
- CAMBRAIA, César Nardelli (2005), *Introdução à crítica textual*, São Paulo: Martins Fontes.
- CASTRO, Ivo (1997), "Filologia", *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. II, Lisboa: Verbo.
- CONTINI, Gianfranco (1986), *Breviario di Ecdotica*, Milán-Nápoles: Ricciardi.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1993), *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*, Lisboa: Cosmos.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1997), *Crítica textual*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em estudos Portugueses, disciplina de Crítica Textual.
- GRÉSILLON, Almut (1994), *Éléments de critique génétique. Lire les manuscrits*, Paris : PUF-CNRS.
- LAVAGNINO, John (1995), "[Reading, Scholarship, and Hypertext Editions](#)", *TEXT: Transactions of the Society for Textual Scholarship*, vol. 8, pp.109-124.
- MAAS, Paul (1984), *Critica del Testo*, Trad. De Nello Martinelli, Firenze : Felice le Monnier.
- PONS RODRÍGUEZ, Lola (ed.) (2006), *Historia de la Lengua y Crítica Textual*, Madrid: Iberoamericana ("Lingüística Iberoamericana", 29).
- SPAGGIARI, Barbara & PERUGI, Maurizio (2004), *Fundamentos da Crítica Textual (História, metodologia, exercícios)*, Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- SPINA, Segismundo (1977), *Introdução à Edótica*, São Paulo: Editora Cultrix.
- TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis (2011), "O trabalho da Filologia textual: descortinando alguns aspectos do movimento abolicionista na Bahia", *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, pp. 846-853.
- TIMPANARO, Sebastiano (1985), *La genesi del metodo del Lachmann*, Padua: Liviana.
- WEST, Martin L. (2002[1973]), *Crítica Textual e Técnica Editorial*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.